

27-04-2022

A BENZEDEIRA

Aline de Fátima Marques

[Mestra em Geografia (UEG) – Grupo Dona Alzira]

Mamãe visitava com frequência Dona Lorita, uma senhora camponesa. Ela era conhecida e reconhecida: a benzeadeira. Dona Lorita gerou muitos filhos, mas não sabia a idade de nenhum deles, inclusive, não sabia a sua própria idade. Diziam, na região, que ela tinha mais de cem anos e que perdera as contas na longa passagem das décadas. Imagem típica da simplicidade encontrada em diversos lares no interior do Sertão Goiano na década de 1990, a sua casa refletia o seu mundo: estilo rude, chão batido, cômodos pequenos, móveis puídos, mesa e cadeiras de madeira carcomidas, fotografias dispersas e amareladas, cheiro campestre. Havia no canto da sala, sobre uma cantoneira antiga, um pote de barro com um prato esmaltado, e um copo grande de alumínio por cima. Todos bebiam água no mesmo copo sem nenhum receio. Sem os luxos e sem as prendas burguesas, tudo que saía da sua casa era condizente com os seus gestos e com a sua alma. Tudo era simples, pragmático, necessário.

A sua casa era cercada de uma planta com alto teor curativo: a arruda. Usada para benzeção e protetora dos males do mundo, a arruda servia também como uma sentinela espiritual. Como se sabe, o Sertão é povoado de assombrações, lobisomens, mulas sem cabeças. Ainda criança eu ficava olhando com curiosidade aquele raminho de arrudas na mão de Lorita batendo na face, nas costas e nos ombros de mamãe até murcharem. Era mau-olhado o que a mãe tinha, dizia ela; outro dia, era espinhela caída.

No meu caso não dava outra: eu estava com quebrante. Lorita benzia graciosamente: conhecia empiricamente o dom curativo das arrudas, uma sabedoria antiga dos benzedores passada de geração a geração.

Não havia segredo na sua ação de amor curativo: era só fazer unir plantas medicinais, oração e fé.

Alguns cochichos aqui, outros ali e eu querendo ouvir e entender, o que me parecia misterioso e sobrenatural.

No canto da cozinha havia um fogão a lenha e um varal com linguças e carne seca por cima.

O bule de café ficava sempre na beira do fogão.

.....

Pairava uma fumaça sossegada e preguiçosa pela casa. Eu esperava mamãe, na maioria das vezes, brincando com o pilão de socar arroz, perto da prateleira: plum, plum, plum. Mais tarde fui entender as várias sonoridades do Sertão; fui entender também a diferença entre a música do pilão e a da colheitadeira. Entendi, ademais, a diferença abrupta entre o plano de significação das mãos que socam o arroz do olho do empresário agrícola que alimenta a plantação com agrotóxico.

Depois da benzeção e de longas conversas, o ritual era o mesmo: dona Lorita empurrava o tição de brasa para dentro da fornalha do fogão caipira, acendia o fumo mascado no canto da boca e aquecia o café.

Mamãe tomava o café oferecido por Dona Lorita, ganhava uma penca de bananas nanicas maduras, muito saborosas e me chamava para ir embora. Saíamos satisfeitas com a visita feita.

Maria, sua filha, se despedia com um largo sorriso no rosto. Dona Lorita benzia a todos que a procuravam, sem preferências. “Mãe passou pra mim”, dizia ela.

Essa tradição é uma prática que tem registros no Brasil desde o período colonial. Essa prática veio da Europa e é praticada desde a Alta Idade Média, num período em que a medicina era rara, e que até hoje persiste em várias cidades brasileiras.

As benzeadeiras são figuras tradicionais e apresentam um perfil comum: elas estão inseridas culturalmente em um território simbólico.

Certo dia, Dona Lorita disse a mamãe que “*para benzer é preciso ser uma pessoa de coração muito bom, porque o benzimento não é uma escolha. É um dom e uma missão para ajudar a quem precisa*”.

Dona Lorita foi uma camponesa que viveu um século todo com as mais diversas experiências. Se casou com 12 anos (casamento arranjado pelo pai), gerou 12 filhos, ficou viúva, foi parteira, plantou e colheu o seu próprio alimento sem agrotóxico e ensinou muitas técnicas de produção alimentar no campo.

Ela foi complacente e humilde. Amou muito.

Curou muitas pessoas com sua fé, conselhos e arrudas. Com voz mansa e fala simples como o seu rosto, como o varal, como a arruda, ela dizia:

"QUEM CURA É A FÉ, A PLANTA E A LUZ".

Daqui, imersa nesse tempo, eu interrogo:

..... o mundo tem cura? ■■■